

A EDUCAÇÃO FÍSICA E A QUESTÃO POLÍTICO-SOCIAL

* MARIA AUGUSTA SALIN GONÇALVES

1. INTRODUÇÃO

As reflexões apresentadas neste ensaio pretendem inserir-se no movimento de busca de uma nova perspectiva na visualização da Educação Física, concebendo-a como uma Educação Física que, visando a libertação do homem, se posiciona de forma crítica em relação à realidade social em que vivemos.

Este posicionamento se fundamenta em nossa concepção de realidade social e do papel da Educação frente a esta realidade. Em vista disto, apresentaremos, no primeiro item, as nossas reflexões sobre estes tópicos.

O homem interage com a realidade social de forma dinâmica, pois ao mesmo tempo que ele atua nesta realidade, modificando-a, esta atua sobre ele, influenciando, e até podemos dizer, direcionando, as suas formas de pensar, sentir e agir. Assim, as concepções que o homem desenvolve a respeito de sua corporalidade, e as suas formas de comportar-se corporalmente estão ligadas a influência sócio-culturais. Estes aspectos discutiremos no segundo item deste ensaio.

Finalizamos este ensaio com as nossas reflexões sobre o papel social da Educação Física, que, revestida da dignidade de fenômeno educativo, não pode deixar de contribuir para o processo de humanização do homem e da sociedade.

* PROFESSORA ADJUNTA DO DEPARTAMENTO DE MÉTODOS E TÉCNICAS DESPORTIVAS - CEPD/UFSM.

2. A REALIDADE SOCIAL E O PAPEL DA EDUCAÇÃO

Ao longo da sua história, o homem foi construindo a realidade social. Ser social é inerente à natureza humana. Pela própria instabilidade de seu equipamento biológico, o homem não tem condições de viver isolado, necessitando estar em constante interação com o ambiente físico e social, para a satisfação das suas necessidades vitais.

Tendo sua origem nas necessidades biológicas do ser humano, a realidade social foi se construindo progressivamente, com o surgimento de diferentes instituições que se interconectam numa relação recíproca, formando uma totalidade complexa.

A realidade social é uma criação do homem. Ao mesmo tempo, este, já ao nascer, se encontra imerso em um meio sócio-cultural específico, com o qual ele interage no decorrer de sua vida. Este meio social adquire, assim, uma dimensão objetiva, determinando o seu modo de perceber, sentir, pensar e agir. O homem como subjetividade abre-se para o mundo, exterioriza seu próprio ser ao mesmo tempo que interioriza o mundo como realidade objetiva.

A visão de realidade social como um produto de um processo histórico e do homem como produtor ativo desta realidade foi concebida poderosamente por Marx.

Para Marx, a totalidade complexa das relações sociais é determinada pelos modos de produção de uma sociedade e pela divisão de trabalho decorrente desse modo de produção. O homem como ser ativo produz sempre novos modos de apropriação da natureza e de relações de trabalho, não sendo, por isso, a realidade social nem fixa nem imutável.

Na obra "Ideologia Alemã", MARX & ENGELS afirmam que, no desenrolar da história

"... em todos os estádios, se encontra um resultado material, uma soma de forças de produção, uma relação historicamente criada com a natureza e dos indivíduos uns com os outros que a cada geração é transmitida pela sua predecessora, uma massa de forças produtivas, capitais e circunstâncias que, por um lado, é de fato modificada pela nova geração, mas que por outro lado também lhe prescreve as suas próprias condições de vida e lhe dá um determinado desenvolvi-

mento, um caráter especial - mostra, portanto, que as circunstâncias fazem os homens tanto como os homens fazem as circunstâncias" (1982, p. 33).

A realidade social é, assim, um produto da relação dialética entre a realidade objetiva e a subjetiva. Se as condições materiais atuam sobre o homem influenciando de forma marcante as suas consciências, este não é o simples instrumento de uma consciência coletiva, mas um ser engajado numa práxis, aberto para compreender a realidade e ultrapassá-la.

Para MERLEAU-PONTY, Marx supera uma atitude de extremo subjetivismo e objetivismo "definindo o homem como ser 'que padece' ou 'sensível', isto é, situado natural e socialmente, mas, também aberto, ativo e capaz de estabelecer sua autonomia sobre o próprio terreno de sua dependência" (1980, p. 76).

O marxismo não é, assim, uma teoria científica como as outras, que visa apenas a descrever a realidade; seu objetivo é transformá-la: compreender para transformar (LOWY, 1985).

A realidade social em que vivemos é desumana e cheia de contradições. A civilização científico-tecnológica, industrial e urbana, que surgiu nos fins do século XIX e nos começos do século XX, traz consigo uma progressiva destruição do ambiente natural do homem, fere as normas de manutenção da saúde, rebaixa o indivíduo ao nível de escravo da máquina, introduz a fealdade em lugar da beleza e nivela as peculiaridades nacionais, regionais e individuais (SUCHODOLSKY, 1977). A estrutura sócio-econômica do sistema capitalista conduz à opressão e à marginalização grande parte da humanidade. Na luta pela sobrevivência ou pela acumulação de bens materiais, o trabalho perde o seu sentido de participação criativa na construção da existência humana e social. Concretizando-se num mero ocupar-se e num manipular coisas, este torna-se um fator de desumanização do homem.

SUCHODOLSKI (1977) diz que a reconciliação do homem com a sua civilização tropeça em inúmeros obstáculos. O alcance desta tarefa requer uma ação tanto econômico-social e política como educacional. Segundo este autor, nesta tarefa "a Educação é o fator mais valioso, pois o indivíduo para participar na reestruturação de sua própria civilização, a fim de que possa contribuir para o desenvolvimento de to

da a humanidade" (1977, p. 17).

Segundo este autor, a civilização atual necessita de uma educação que não pretenda adaptar o indivíduo à realidade existente atualmente, nem busque o desenvolvimento de sua personalidade, o enriquecimento de sua vida interior, de forma isolada da sociedade. Ao contrário, na nossa civilização desumana e cheia de contradições, a Educação deve orientar os seus objetivos para a vida real, concreta, para o desenvolvimento da personalidade de uma forma integrada com o projeto de transformação da sociedade.

Este autor concebe o desenvolvimento da personalidade "como a participação na luta por um mundo cujas formas de cultura, de trabalho e de relações sociais permitam aos homens convencer-se de que neste mundo não são uns estranhos, mas sim participantes e artífices de suas transformações" (SUCHODOLSKY, 1977, p. 108).

O objetivo primordial de uma Educação que pretenda a libertação do homem, é contribuir para a criação de um novo homem que tenha consciência das determinações e contradições que envolvem a sua época histórica e seja capaz de buscar a sua superação através de seu esforço criador.

3. RELAÇÃO DO CORPO COM O CONTEXTO SOCIAL

A forma do homem comportar-se corporalmente e as concepções que desenvolve a respeito do seu corpo estão ligadas às condições sócio-culturais e revelam a relação do corpo com o contexto social.

Toda a sociedade tem as suas normas para os comportamentos relacionados ao corpo. Deste modo variam: a) as técnicas corporais relativas a movimentos como andar, pular, correr, nadar, etc.; b) os movimentos corporais expressivos (posturas, gestos, expressões faciais) que são formas simbólicas de comunicação não-verbal; c) a ética corporal, que abrange idéias e sentimentos sobre a aparência do próprio corpo (pudor, vergonha, ideais de beleza, etc.); d) controle da estrutura dos impulsos e necessidades (GRUPE, 1980).

Estes quatro aspectos não só diferem de sociedade para sociedade, mas, também, dentro de uma mesma sociedade, conforme o sexo, idade, ou classes sociais.

GRUPE (1980) atribui esta possibilidade de submeter o corpo humano a um controle social ao duplo aspecto da relação do homem com o seu corpo. Se por um lado o homem é um corpo, por outro lado, o homem tem um corpo do qual ele dispõe. Plessner formulou este duplo aspecto da relação do homem com o seu corpo como: "corpo-ser" e "corpo-ter". Corpo-ser significa que o homem experimenta seu corpo como idêntico a si próprio; corpo-ter significa que o homem experimenta a si próprio como uma entidade não idêntica ao seu corpo, sendo este algo do qual ele dispõe. A experiência do homem oscila nessa dimensão ambígua - "corpo-ser" e "corpo-ter", na busca de um equilíbrio (BERGER & LUCKMANN, 1985).

As variações na concepção e tratamento do corpo, existentes entre os diferentes grupos culturais, não são arbitrárias nem casuais, mas, sim, são manifestações de determinadas formas de desenvolvimento social. Elas revelam sempre o sistema social vigente.

Estudos de História da Cultura e Antropologia Cultural revelam que o processo de desenvolvimento social, desde as sociedades mais primitivas até a sociedade moderna, trouxe uma distância progressiva entre a dimensão física e social do corpo. Nas sociedades mais estruturadas, em que as situações sociais são altamente regidas por normas e controles sociais, maior é a anulação da espontaneidade e da expressividade corporal, e a instrumentalização do corpo (GRUPE, 1980).

Na sociedade contemporânea, podemos observar incentivada principalmente através dos meios de comunicação, uma glorificação do erotismo e da cultura do corpo, onde, como afirma MANUEL SERGIO (1982), a manipulação é por demais evidente. Este autor cita Jean-Marie Brohm que diz: "o sistema capitalista é forçado necessariamente a controlar, manipular e administrar o corpo, a sua energia, os impulsos, para integrá-lo na produção, fazer-lhe aceitar as suas normas de consumo, adaptá-lo aos ócios que fabricou. Tal é o fundamento da cultura capitalista do corpo" (p. 20).

Na sociedade contemporânea, o corpo tornou-se um objeto, um instrumento utilizado como meio de produção visando a expansão do capital. Não só o processo de produção aliena o corpo, também o faz o processo de consumo. Através da propaganda, é imposta a imagem de um corpo erotizado, que é ostentado como um objeto em vez de servido.

Todas as realizações humanas são apresentadas, através da propaganda, revestidas de uma relação com o corpo, em que este aparece como um objeto para ser ostentado e admirado, desvinculado de uma subjetividade que o anima. Deste modo, a supervalorização do corpo, como algo que o indivíduo possui e ostenta, exterior a si próprio, é também, uma forma de alienação, em que a dicotomia corpo-espírito se revela.

No entanto, esta forma de tratar o corpo, característica da sociedade capitalista contemporânea, ao mesmo tempo em que dissimula uma intenção manipulativa, abre brechas para uma real valorização do corpo e do movimento. Um exemplo disso poderia ser a inclusão da prática de atividades físicas nas fábricas, indústrias e outros locais de trabalho. Embora esta vise sobretudo o aumento da produção, não podemos negar que se constitui num espaço que pode ser utilizado pelo profissional da Educação Física para a concretização de objetivos humanizadores. Este deve estar atento a esses espaços, que surgem dos diversos aspectos contraditórios do sistema sócio-econômico atual, e utilizá-los para resgatar a verdadeira importância da dimensão da corporalidade e do movimento na vida humana.

4. A EDUCAÇÃO FÍSICA E O SEU PAPEL SOCIAL

A Educação Física se relaciona com a dimensão essencial da existência humana - a sua existência como ser corpóreo e motriz.

Seus objetivos se inserem no objetivo mais radical da Educação, que, como expressa SUCHODOLSKY, é fazer com que "os homens sejam capazes de realizar as tarefas sociais e profissionais que lhe couberem e de pôr-se à altura das possibilidades do desenvolvimento cultural e pessoal que é possível alcançar mediante a sua participação (1977, p. 22).

Deste modo, a Educação deve se constituir numa ajuda que possibilite ao homem o enriquecimento pessoal, tendo em vista que este se opera através da sua participação objetiva e concreta na vida sócio-cultural da sua época.

SUCHODOLSKY diz que a classificação tradicional de Educação em educação intelectual, sócio-moral e física, que a divide em setores separados, não expressa suficientemente o fato que "o desenvolvimen-

to do homem se opera através de sua participação e sua ação no mundo objetivo da civilização, mas esferas objetivas da vida social e cultural" (1977, p. 24).

Para este autor "educação estética" não tem o mesmo significado de "educação através da arte", nem "educação intelectual", e mesmo significado de "educação através da ciência". Estes últimos são conceitos mais amplos, pois se referem ao desenvolvimento da pessoa total, integrada na realidade sócio-cultural que a rodeia.

Transpondo para a Educação Física, a expressão "educação através da atividade física" é a que melhor expressa o nosso posicionamento.

De acordo com este conceito, propomos uma Educação Física que, ao buscar a melhoria da qualidade de vida do homem contemporâneo, através da prática de atividades físicas, o veja como uma totalidade unitária. Uma totalidade que não pode ser compreendida isolada do mundo concreto que a rodeia. Assim, uma Educação Física que pretenda alcançar objetivos realistas não pode visualizar o homem desvinculado da realidade sócio-cultural e política de sua época histórica.

Conforme as suas práticas, a Educação Física pode se constituir em um processo de domesticação e alienação ou em um processo de libertação e humanização do homem e da sociedade. Pode se constituir em uma "Educação para o homem-objeto ou Educação para o homem-sujeito" (FREIRE, 1985, p. 36).

O homem-objeto é o homem alienado, que se sente estranho em seu próprio mundo social que perdeu seus atributos humanos (SUCHODOŁSKY, 1977).

Uma "Educação Física para o homem-sujeito" é a que pretende contribuir para a libertação do homem das condições sócio-culturais que o oprimem, incentivando-o para a responsabilidade social e política.

Nesta perspectiva, a Educação Física assume a tarefa de desmistificar as ideologias subjacentes às suas práticas educativas e desportivas, e ao treinamento do corpo, clarificando as contradições e possibilitando aos alunos formarem julgamentos críticos que embasem ações individuais e sociais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.
- 2 GRUPE, Ommo. **Sport und Sportunterricht**. Schordorf, Hofmann, 1980.
- 3 LOWY, Michael. **Ideologia e ciência social**. São Paulo, Cortez, 1985.
- 4 MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **Obras Escolhidas em três tomos**. Tomo I. Lisboa, Avante, 1982.
- 5 MERLEAU-PONTY, Maurice. **Marxismo e Filosofia**. IN: **Os Pensadores**. São Paulo, Abril Cultural, 1980.
- 6 SERGIO, Manuel. **A Prática e a Educação Física**. Lisboa, Compendium, 1982.
- 7 SUCHODOLSKY, Bogdan. **La educación del hombre**. Barcelona, Lala, 1977.

Recebido para publicação em: 8/7/87